



**O nome dela é Jenifer:
representatividade gorda importa**

Her name is Jenifer: fat representativity matters

Agnes de Sousa Arruda¹

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0244-808X>

[**resumo**] Apesar de a gordofobia ser entendida como o preconceito contra as pessoas gordas, tal preconceito é experimentado de maneira muito mais visceral entre as mulheres. O estigma do peso na sociedade contemporânea e as representações midiáticas das mulheres gordas atuam em uma espécie de cabo de força, ora tensionando mais para um lado, ora para outro. Ao estudar tais representações em uma pesquisa que combina revisão de literatura e análise de conteúdo em uma perspectiva complexa, entendeu-se que a ideia que se tem das corporeidades gordas perpassa justamente pela forma como elas são representadas na mídia, incluindo nesse contexto suas vestes e relações com as mesmas. Este artigo apresenta, além de alguns dos mecanismos de ação da gordofobia na relação do peso com a mídia, uma forma de desconstrução desse preconceito a partir da própria representação midiática não estigmatizada do corpo gordo, tendo como exemplo o clipe de **Jenifer**, canção na voz de Gabriel Diniz, cuja interpretação da personagem principal ficou por conta da atriz Mariana Xavier, uma mulher gorda. São abordadas questões referentes aos padrões de beleza no que diz respeito ao tamanho do corpo feminino em contextos culturais distintos em um estudo que extrapola as interrelações entre gordura, raça e classe e cujo objetivo é não só inscrever a gordofobia como objeto de estudos na área da comunicação e das artes, como também promover a reflexão de que a desconstrução desse preconceito e a (re)apropriação e ressignificação desse corpo passa necessariamente pela representatividade da mulher gorda das mais diversas formas e nos mais diversos espaços.

[**palavras-chave**] **Gordofobia. Representatividade gorda. Comunicação e arte. Mídia.**

¹ Doutora pelo PPG em Comunicação da Universidade Paulista (UNIP-SP). Professora visitante da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Estágio pós-doutoral em andamento pelo PPG em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba (UNISO-SP). Professora do PPG em Políticas Públicas e dos cursos de Comunicação (graduação) da Universidade de Mogi das Cruzes (UMC-SP). E-mail: agnesarruda@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8244076537003218>.

[abstract] Although fatphobia is understood as the prejudice against fat people, such prejudice is experienced in a much more visceral way among women. The stigma of weight in contemporary society and the media representations of fat women operate in a kind of tug of war, sometimes tending more to one side, sometimes to the other. When studying such representations in a research that combines literature review and content analysis in a complex perspective, it was understood that the idea of fat corporealities permeates precisely the way they are represented in the media, including in this context their clothes. This paper presents, in addition to some of the mechanisms of action of fatphobia in the relationship of weight with the media, a way of deconstructing this prejudice from the non-stigmatized media representation of the fat body, having as example the clip of **Jenifer**, song by Gabriel Diniz, whose interpretation of the main character was on Mariana Xavier, a fat woman. Issues related to beauty standards with regard to female body size in different cultural contexts are addressed in a study that extrapolates the interrelationships between fat, race and class and whose objective is not only to inscribe fatphobia as an object of studies in the field of communication and arts, as well as promoting the reflection that the deconstruction of this prejudice and the (re)appropriation and reframing of this body necessarily involves the representation of fat women in the most diverse ways and in the most diverse spaces.

[keywords] Fatphobia. Fat representation. Communication and art. Media.

Recebido em: 04-05-2021

Aprovado em: 25-10-2021

Introdução

Gordofobia é o preconceito contra as pessoas gordas e que está intimamente relacionado aos meios hegemônicos de comunicação. Nessa seara, a representação que a mídia hegemônica faz das pessoas gordas age e retroage no contexto social e vice-versa, surtindo efeitos que vão além da pressão estética e que estão relacionados a distúrbios alimentares e psicológicos, vício em drogas lícitas e ilícitas, passando por uma sociabilidade prejudicada e até mesmo suicídio (ARRUDA, 2019). Para além de questões estéticas, a gordofobia segrega socialmente e impede que pessoas gordas tenham vivência plena como cidadãs. Embora este seja um recente objeto de estudo no Brasil, tendo inclusive a palavra sido apresentada ao público pela Academia Brasileira de Letras apenas recentemente (ABL, 2021), a percepção de uma sociedade extremamente midiaticizada, na qual aquilo que está na mídia reverbera no seio social e aquilo que está na sociedade está na mídia, como em um jogo de espelhos, é amplamente conhecida, sendo especialmente relevante para este trabalho a reflexão de Cabral (2002). Nesse contexto, é possível dizer que mídia e sociedade atuam juntas na criação, na manutenção e no reforço da gordofobia, porque mesmo que padrões de beleza não sejam novidade, eles ganham potência com o poder massificador dos meios, em especial os eletrônicos e centrados na visualidade (MORIN, 1997; PROSS, 1972 apud. BAITELLO, 1998).

Para além da questão estética, às personagens gordas são atribuídas características negativas recorrentes. Da falta de asseio à melancolia e do papel cômico como compensação positiva para o tamanho do corpo considerado negativo, a ideia da gorda mal-vestida, desleixada, sem vaidade ou cuidado com a aparência também aparece em inúmeros casos (ARRUDA; MIKLOS, 2020). Da mesma maneira que não são problematizadas as questões sociais, políticas e econômicas em relação ao acesso ou à falta dele às roupas, as subjetividades das pessoas gordas também são apagadas nessas representações estereotipadas. Ser considerada doente apenas pelo tamanho do corpo é um dos resultados desse processo, no qual a obesidade, termo atribuído a pessoas cujo Índice de Massa Corpórea é superior a 30 (WHO, 1995), ao invés de uma condição física, passa a ser uma sentença de morte.

Nesse caso, o que não se problematiza, no entanto, é que o emagrecimento a qualquer custo pode ser muito mais danoso à saúde que a própria condição da obesidade, que representa uma probabilidade do desenvolvimento de outras doenças, como cardiopatias e diabetes, por exemplo, e não uma determinante. Por outro lado, é sabido que a maior parte dos distúrbios alimentares, como bulimia e anorexia, com alto grau de mortalidade, têm entre suas principais raízes as dietas (SANCHES, 2018). O argumento de preocupação com a saúde, então, não sustenta a violência contra o corpo gordo. O que incomoda, na verdade, é a imagem desse corpo, que tem marcante relação com a forma como ele é representado. Esse corpo, se pleno e feliz, acaba por denunciar o imperativo da cultura das dietas (SANCHES, 2018) na sociedade contemporânea, sendo assim estrategicamente apagado, seja de forma simbólica ou concreta.

Embora a princípio gordofobia seja um preconceito experimentado por todas as pessoas gordas, são as mulheres que especialmente sofrem com ela, em mais uma camada de socialização cisheteronormativa e patriarcal (GREER 1999; WOLF, 2020). Sendo esta autora

uma mulher gorda, a busca por representações midiáticas que não violentassem a corporeidade gorda, não a transformassem em alívio cômico, nem a relegassem a um lugar de coadjuvante na própria existência, sempre foi uma constante. Isso porque tais representações, em especial no contexto da mídia hegemônica, são praticamente inexistentes, mas são fundamentais, considerando as características sociais vigentes expostas, para a legitimação da própria existência.

De acordo com Aires (2019, p. 31), essa busca, essa reivindicação por uma representação gorda no sistema midiático, evidencia “[...] uma biopotência, ou seja, revelam a criatividade em desenvolver novas formas de organização e luta política para reagir à opressão corporal na vida cotidiana”. Assim, quando nenhuma representação midiática parecia dar vazão a essa necessidade, um exemplo, no entanto, acabou por se destacar, tornando-se objeto de estudo deste trabalho. Trata-se da personificação de Jenifer, personagem que dá título à música interpretada pelo cantor Gabriel Diniz², que foi o hit do verão brasileiro de 2018-2019 (DINIZ, 2018) e que levou muitas mulheres à percepção não só da violência a que foram submetidas ao longo de suas vidas, como também que o lugar que foi negado a elas é possível de se ocupar.

Com este artigo, então, espera-se problematizar a gordofobia como um objeto de estudos na área da comunicação e das artes, bem como promover a reflexão de que a desconstrução desse preconceito, repleto de estereótipos negativos relacionados ao corpo gordo, em especial ao feminino, e a consequente (re)apropriação e ressignificação desse corpo nos contextos social e midiáticos, passa necessariamente pela representatividade da mulher gorda das mais diversas formas e nos mais diversos espaços.

Mas gordofobia existe?

A ideia da existência de uma distinção de tratamento entre as pessoas magras e as pessoas gordas sempre pareceu óbvia para quem a vida inteira foi hostilizada pelo tamanho do corpo e viu corpos como o seu serem rejeitados também pela mídia. Se a gorda nas telas não era repulsiva, sua outra característica preponderante era a de risível, ou seja, dela se permitia tirar sarro; ou então, para compensar a gordura, era retratada como trabalhadora, inteligente, supercompetente e, a despeito disso, sempre o seu corpo estava como foco da sua existência (ARRUDA, 2019). No entanto, tendo apenas recentemente a palavra gordofobia sido introduzida oficialmente ao léxico da língua portuguesa no Brasil (ABL, 2021), percebeu-se em pesquisas anteriores (ARRUDA, 2019) a existência de uma negação da própria ideia de discriminação do corpo gordo revestida por uma preocupação com a saúde, uma vez que aquilo que se chama de obesidade é tratado como um fator de risco para o desenvolvimento de uma série de outras doenças. Assim, as ações gordofóbicas passam a ter uma conveniente justificativa científica e, com ela, permite-se todo tipo de violência contra o corpo gordo.

² A composição é de João Pala, Fred Wilian, Thawan Alves, Thales Gui, Léo Sousa, Junior Lobo, Junior Avellar e Allef Rodrigues.

Identifica-se também que o *bullying* ainda tem levado cada vez mais jovens ao suicídio (VOMERO, 2002), estando a gordofobia entre o rol de importunações sofridas por esse público. Além disso, a Associação Brasileira para o Estudo da Obesidade e da Síndrome Metabólica – ABESO, indica que mais de 60% dos jovens entre 13 e 15 anos se submete a algum tipo de dieta para perder, ganhar ou manter o peso (O DIA, 2012), estando entre os que mais se demonstram insatisfeitos com a imagem de seus corpos (LAUS, 2012). A autora afirma também que mais de 60% das mulheres desejam uma silhueta menor do que a que tem. Essa insatisfação corporal está diretamente relacionada ao desenvolvimento de uma série de distúrbios. Entre eles está a dependência química, com a anorexia alcoólica “um distúrbio alimentar caracterizado pela ingestão de bebidas alcoólicas no lugar de alimentos para evitar a ingestão de calorias e emagrecer” (ZANIN, 2017), e casos como o de mulheres que usam a cocaína e o crack para emagrecer (ARRUDA, 2019). Há ainda o consumo e a dependência de drogas lícitas, receitadas em um consultório médico, mas facilmente adquiridas nas farmácias ou em mercados paralelos, e que causam transtornos gravíssimos, que vão de taquicardia a alucinações. Foi sofrendo com alucinações por causa do consumo de sibutramina, inclusive, que Carolina Moura de Jesus, de 23 anos, saltou do 11º andar de um prédio, em 2015, levando-a à morte (MESTRE, 2016).

No que diz respeito ao corpo feminino, ser uma mulher gorda é uma das marcas mais intensas da violência que a conformação cisheteronormativa e patriarcal impõe. Para Greer (1999, p. 130), “O corpo da mulher é o campo de batalha onde ela combate pela libertação [...] caso não se sujeite, caso se recuse a aceitar os tratamentos, será julgada pelo seu mau comportamento”. Assim, ser mulher magra determina o sucesso no modelo de vida traçado para o gênero feminino. Tal conceito é amplamente difundido pela mídia, que representa como bem-sucedidas, felizes e plenas, apenas as mulheres com corpos magros, conforme apresenta Sanches (2018). Retroagindo socialmente, a menina que treina para ser mulher nessa sociedade passa por uma rotina que alterna privações e provações com o próprio corpo.

Assim, com o exposto, dizer que gordofobia não existe ou justificá-la a partir da preocupação com a saúde aponta para a hipocrisia desse discurso, uma vez que, justamente tentando se encaixar na normatização magra, cada vez mais pessoas passam por uma sorte de situações que podem levar, inclusive, à morte. Mesmo assim, o assunto ainda é pouco tratado, em especial no ambiente acadêmico, sendo urgentes então trabalhos que tragam a gordofobia à tona.

Uma questão de gênero

Embora se saiba que a gordofobia não é um preconceito vivenciado apenas pelas pessoas do gênero feminino, por uma série de razões são as mulheres as mais afetadas por ela, estando esse público entre o maior número de vítimas de transtornos alimentares (AMBULIM, 2018)³. São também as mulheres as principais consumidoras do mercado de beleza e dos procedimentos estéticos, incluindo cirurgias plásticas (LAUS, 2012). Para Greer (1999,

³ É conveniente ressaltar que os dados e reflexões aqui apresentados se relacionam ao recorte da mulher cisgênero. Ciente que recortes interseccionais influenciam na dinâmica do preconceito, tem-se aí um campo aberto de pesquisa a ser desenvolvida que este trabalho não abarca.

p. 31), toda essa questão se deve porque “Uma tal insegurança foi instalada nas mulheres ao longo de várias gerações [...]”, insegurança esta que persiste até a contemporaneidade, não permitindo em nenhum momento que a mulher apenas exista, seja. Ela precisa, a todo tempo, submeter-se a alguma situação que, em muitos casos, pode ser associada à tortura e ao sofrimento, inclusive autoimposto, para ser aceita em sociedade, sendo que “Aquilo que num homem é comportamento patológico é exigido de uma mulher” (GREER, 1999, p. 31).

Como consequência do policiamento de raízes ideológicas em relação ao corpo feminino, tem-se um comportamento de controvérsias, de negação, de subtração e, em muitos casos, de mutilação do próprio corpo e do corpo de outrem por parte das mulheres (WOLF, 2020). Entre elas há uma série de truques, segredos, formas de prender o cabelo, levantar os seios, esconder a barriga, eliminar celulite, confidenciados sem qualquer pudor, como se o cumprimento da função estética do corpo feminino em sociedade autorizasse a invasão verbal, física e psicológica de o tempo todo ser abordada por alguém para dizer que o seu corpo, de alguma forma, é inadequado. Salvos casos em que procedimentos estéticos possam atenuar ou corrigir más formações congênicas ou deficiências incapacitantes, sejam elas quais forem, todo o resto pode ser considerado supérfluo.

Ressalta-se, no entanto, que em um caminho tão perverso quanto o de estar na rota da submissão estética corporal, é o da culpabilização da mulher que se encontra nesse sistema. Na maior parte das vezes, a mulher não percebe que todo esse espetáculo não se trata de algo natural, mas sim de algo que foi histórica e socialmente imposto a ela. Essa imposição se dá a partir de uma organização que não apenas se moldou na contraposição do masculino versus feminino, como também valorou essa contraposição de modo ao homem ser visto como superior e a mulher como inferior. Hatty e Hatty (1999) explicam como essa valoração foi avalizada pelos grupos religiosos, médicos e comunitários, com objetivo de garantir ao homem a posição dominante nas estruturas sociais, inclusive, etimologicamente falando.

A própria linguagem em que homens e mulheres e suas anatomias foram discutidos reforçam poderosamente as percepções inerentes à divisão de gênero. A palavra latina para o homem (*vir*) é derivada de *vis*, que significa força e vigor; enquanto a mulher (*mulier*) é etimologicamente relacionada à *mollitia*, denotando características de flexibilidade e suavidade. E também tem conotações figurativas de fraqueza, irresponsabilidade e até mesmo devassidão (HATTY; HATTY, 1999, p. 35)⁴.

Além do privilégio dos homens sobre as mulheres, o grupo feminino ainda foi dividido entre aquelas que se submetiam à dominação masculina e aquelas que não se

⁴ Tradução minha para: “The very language in which men and women, and their anatomies were discussed powerfully reinforce the perceptions inherent in the gender divide. The latin word for man (*vir*) is derived from *vis*, meaning strength, force and vigor, whereas woman (*mulier*) is etymologically related to *mollitia*, denoting characteristics of pliability and softness. It is also has figurative connotations of weakness, irresolution voluptuousness, and even wantonness. Clearly, from an early time, language provide a formidable tool for constantly asserting that man was the complete being, superior in all ways, and woman was weak, subject to man’s will, and sexually voracious”.

submetiam. “O dualismo do gênero masculino/feminino foi complicado por uma polarização posterior das identidades de gênero - que define dois tipos de mulher. Um é representado pelo corpo dócil e conformado da mulher “boa”, o outro pelo corpo perigoso e sexualizado, a mulher ‘má’” (HATTY; HATTY, 1999, p. 35)⁵. Ou seja, da dualidade surge a polaridade, com conseqüente valoração de um ponto em relação ao outro. A tentativa de equilibrar os polos com valores diferentes, nesse caso, dá-se pela submissão da mulher aos procedimentos desejados ao seu corpo. Aquela que não se submete é, então, considerada má, perigosa.

A dualidade homem-mulher e a conseqüente relação de superioridade do masculino sobre o feminino é um dos aspectos que podem ser considerados como raiz da patrulha ao nosso corpo. Essa questão, no entanto, ganha força com outro fator de importância, diretamente relacionado à demonização do corpo humano como um todo, promovida pelo cristianismo e, posteriormente, adotada pelo pensamento burguês da Idade Média ocidental; ou seja, em um primeiro momento, o corpo passou a ser morada de todo o pecado, assim como dos prazeres terrenos, concretos. A supressão de tudo aquilo que estivesse relacionado ao físico era almejada e, com o propósito de alcançar o celestial, era praticado. Com o surgimento da burguesia, a noção de privacidade se fortalece e, entre outras questões, surge uma preocupação, acompanhada pela vergonha, com as funções naturais do corpo que, então, tornam-se tabu, entre elas a menstruação.

Uma característica importante do “corpo grotesco” é sua falta de fechamento, vista de modo esmagador como uma condição inata do corpo feminino. Inevitavelmente, o corpo feminino normal, com períodos “abertos” de nascimento e menstruação, foi identificado com o “corpo grotesco” e seu potencial para poluir. E porque as mulheres são consideradas intrinsecamente não contidas, elas são frequentemente sujeitas a mais restrições em suas atividades na esfera pública do que os homens. (HATTY; HATTY, 1999, p. 19-20)⁶

Assim, toda essa preocupação com a ameaça do grotesco representado pelo corpo feminino o colocou ainda mais sob os holofotes do masculino, neste momento, já polarizado como dominante. Dessa forma, ao longo dos séculos, dos anos, desenvolveram-se uma série de ideais aos quais o corpo da mulher cis deveria corresponder para ser aceito no convívio social. “Tudo o que desvia disso é considerado *não visto*” (HATTY; HATTY, 1999, p. 21)⁷. Essa

⁵ Tradução minha para: “The dualism of the masculine/feminine gender has been complicated by a further polarization of gender identities - that defines two types of woman. One is represented by the conforming docile body of the “good” woman, the other by the dangerous, sexualized body, the “bad” woman”.

⁶ Tradução minha para: An important characteristic of the “grotesque body” is its lack of closure, overwhelmingly viewed as an innate condition of the female body. Inevitably, the normal female body, with its “open” periods of birth and menstruation, became identified with the “grotesque body” and its potential to pollute. And because women are held to be intrinsically uncontained, they are frequently subjected to more constraint in their activities in the public sphere than are men.

⁷ Tradução minha para: “Anything that deviates from this is deemed to *unsightly*”.

lógica fez da mulher vítima e algoz de si própria em todos os procedimentos aos quais se submete, tendo a sociedade contemporânea, e mediática, encontrado seu trunfo para essa doutrinação. Ressalta-se, no entanto, que embora intensificado na Idade Média, o medo das potencialidades representadas pelo corpo feminino aparece, historicamente, também em algumas tradições tribais nas quais a menstruação era vista como contaminação e/ou posse, assim como na tradição judaica.

Esses vários fatores, considerados em conjunto, mostraram-se imensamente poderosos em difamar a mulher e relegá-la a uma posição inferior [...]. Eles também legitimaram a regulação dos corpos das mulheres e a imposição de controles sobre sua sexualidade. [...] Além de todas essas questões, a Mulher era percebida como o corpo arquetípico “desordenado” (HATTY; HATTY, 1999, p. 36-37)⁸.

Da Antiguidade e da Idade Média e Moderna para os tempos contemporâneos, pouca coisa mudou em relação à percepção de que o corpo feminino, aos olhos do masculino, é um corpo desordenado. Hoje, no entanto, ao invés de ser compulsoriamente segregada da vida social por seus pais, seus maridos, pela igreja ou pela própria comunidade, como em outros tempos, fosse por causa das suas funções biológicas ou por qualquer outro motivo, a preocupação estética leva a mulher, de alguma forma, a segregar a si própria, somente se sentindo apta a se apresentar em sociedade caso seu corpo atenda ao que para ela foi estipulado como aceitável, e o emagrecimento tem direta relação com esse tópico (BALBINO, 2021).

Com a chancela dos meios hegemônicos de comunicação, não há mais espaço para a naturalidade do corpo feminino (NICOLOSI, 2018). Toda e qualquer parte da mulher pode ser cirurgicamente modificada, esteticamente aprimorada, tecnologicamente modelada, da unha do pé ao couro cabeludo. Se antes a questão era manter ou não pelos onde eles sempre estiveram, agora deve-se cogitar, até mesmo, submeter-se a uma vaginoplastia, cirurgia plástica que promete deixar os lábios vaginais com um aspecto considerado “perfeito”.

Grande parte do material de promoção da cultura de consumo é direcionado a elas, incentivando-as a fazer dieta, melhorar os penteados e apresentar seus corpos de acordo com o estereótipo masculino da feminilidade. Aí reside o triunfo da mulher magra sobre a mulher gorda. O sucesso de tal desinformação é evidente com demasiada frequência em casos de anorexia nervosa, bulimia e em recorrer à cirurgia estética (HATTY; HATTY, 1999, p. 23)⁹.

⁸ Tradução minha para: “These various factors, taken together, proved immensely powerful in denigrating woman and relegating them to an inferior position in community and religious affairs. They also legitimated the regulation of women’s bodies and the imposition of controls on their sexuality. [...] This twofold definition of Woman focused on her corporeality, and posited her as a submissive body in the order of nature and ‘revolting’ body in the disorder of sin. [...] Beyond all of these issues, Woman was perceived as the archetypal “disordered” body”.

⁹ Tradução minha para: Much of the consumer culture promotion material is directed at them, urging them to diet, improve hairstyles and present their bodies according to the male stereotype of femininity. Therein lies the triumph of the thin woman over the fat woman. The success of such disinformation is evident all too frequently in instances of anorexia nervosa, bulimia, and in recourse to cosmetic surgery.

Essas intervenções, no entanto, podem não surtir o menor efeito se à base de unhas perfeitas e de cabelos brilhantes e sedosos estiver uma mulher gorda. Na contemporaneidade, o impacto visual causado pela gordura feminina é tão intenso que impede a aproximação de outras pessoas. O contrário também é válido. Para se proteger de ataques gordofóbicos, que podem ser sutis ou descarados, a pessoa gorda também se retrai, minimizando assim suas chances de socialização. Dessa forma, antes de qualquer coisa, a mulher deve se preocupar com os possíveis quilos a mais, cabendo inclusive a parte da sociedade se certificar de que ela está, de fato, preocupando-se com isso. Nesse sentido, o apagamento circunstancial de corpo da mulher gorda, ou seja, de seu primordial agente comunicativo (PROSS, 1972 apud. BAITELLO, 1998), torna-a alguém sem voz e sem expressão, alterando significativamente suas potencialidades interacionais, seja no íntimo, consigo mesma, ou na esfera social.

Esse silenciamento ocorre porque nossa postura perante o mundo é balizada a partir da postura que o meio tem conosco. Na primeira infância, por exemplo, não temos percepções próprias; apenas reagimos ao que nos dizem sobre nós. É o que explica Woodman (1980, p. 28):

A criança absorve as atitudes que as outras pessoas têm com relação ao seu corpo. Se essas atitudes não correspondem à imagem socialmente aceitável, a criança fica submetida a uma enorme pressão. A dimensão do seu corpo pode resultar de distúrbios, não apenas em termos da percepção da fome, como também em termos de outras sensações corporais. Ela deve tentar compreender como sua relação com o próprio corpo reflete as atitudes de pessoas significativas da sua experiência e, o que é ainda mais vital, sua atitude com relação à sua própria vida.

Assim, com a gordofobia tão intrinsecamente estabelecida em nossas relações sociais, ela começa a ser praticada contra a criança dentro do próprio núcleo familiar, depois na escola e depois nos ambientes de convívio social. Na mulher, o impacto desse preconceito é gravíssimo. “[...] Quando é gorda desde a infância, a mulher provavelmente teve de si a experiência de uma marginal social desde o começo e o desenvolvimento de seu ego pode estar seriamente comprometido” (WOODMAN, 1980, p. 36). Para a autora, trata-se de um resquício do doutrinamento histórico do corpo ao qual às mulheres têm sido submetidas, negando seu feminino, inclusive, nas próprias formas. Segundo ela, “a maneira pela qual percebemos o nosso corpo é “um conceito configurador construído a partir de todas as nossas experiências sensoriais e psíquicas, sendo constantemente integrada com o sistema nervoso central”. Na mulher obesa, a imagem do corpo é distorcida” (WOODMAN, 1980, p. 27). Há aí uma faca de dois gumes: a esfera psíquica interfere em seu corpo e vice-versa. Isso porque “[...] temos na mulher obesa a imagem do corpo como uma jaula construída a partir das projeções alheias, enquanto seu próprio vazio interior é preenchido com comida [...]” (WOODMAN, 1980, p. 43), em um círculo vicioso sem fim e intimamente relacionado com a sociedade mediática.

O peso e a mídia: um olhar complexo sobre a gordofobia

Em trabalho anterior, ao cruzar narrativas pessoais com narrativas midiáticas utilizando os princípios do método da complexidade proposto por Morin (2005), foi possível demonstrar o que se tinha como hipótese a partir de vivência empírica, mas ainda não comprovada cientificamente, de que a gordofobia sentida no dia a dia, na pele, na carne, está diretamente relacionada com a representação que a mídia hegemônica faz das mulheres gordas. Assim, nessa pesquisa, a narrativa pessoal trouxe a história de vida da autora, uma mulher gorda, dividida em quatro partes: infância, pré-adolescência, vida jovem adulta e tempos contemporâneos. Para narrar essa história trabalhou-se com o método autoetnográfico, técnica da narrativa biográfica, assumindo a subjetividade da manifestação do fenômeno no contexto da pesquisa (ELLIS; ADAMS; BOCHNER, 2011). Após transcrita, a história passou a ser lida com os critérios da análise de conteúdo (BARDIN, 1988) e cada uma de suas partes foi trabalhada em paralelo a um caso midiático com personagens gordas. Para fins de análise, os produtos deveriam ter sido lançados ou veiculados na mesma época dos acontecimentos pessoais e as personagens gordas em questão deveriam estar, na trama, na mesma faixa etária da autora à altura da história, pertencendo à mesma classe social, tivessem o mesmo gênero e orientação sexual; elementos que se mostraram relevantes durante o processo de investigação e que diferenciam a experiência social da pessoa gorda.

Foram então selecionadas: Laura, da telenovela mexicana **Carrossel**, Josy Nojenta, do filme **Nunca fui beijada**, Monica Geller, do seriado **Friends**, e a cobertura midiática acerca do emagrecimento da atriz Guta Stresser, intérprete e Bebel, em **A grande família**¹⁰. Assim, seus arcos narrativos e representações serviram de comparativo, para além dos inúmeros outros casos e personagens ilustrativos apontados na pesquisa, para se comprovar a íntima relação da gordofobia com os meios hegemônicos de comunicação.

Isso porque a complexidade moriniana atua a partir de três princípios: o da dialogia, que o prevê a existência de uma tensão oposta e ao mesmo tempo complementar entre os elementos analisados; o da recursividade, que nos diz que ao mesmo tempo que produzimos algo, somos produto daquilo que produzimos; e o princípio hologramático, no qual se considera que o todo está na parte e a parte, no todo. Assim, com o princípio dialógico, entende-se o corpo uma mídia em espaço concreto, no qual as narrativas pessoais acontecem, e os meios hegemônicos de comunicação possibilitados a partir da virtualidade das imagens técnicas do cinema, pela televisão ou pela internet, como nos casos estudados (PROSS, 1972 apud. BAITELLO, 1998). Nesse sentido, e embora a experiência em um (corpo) seja concreta e em outro (mídia eletrônica) seja virtual, não é possível a existência de uma sem a outra, pois ao mesmo tempo em que não existiria mídia sem que ela tivesse sido inventada pela humanidade, a humanidade hoje depende do conteúdo veiculado pela mídia para se informar e interagir em sociedade, sendo mais uma camada da oposição complementar presente na

¹⁰ O emagrecimento de Guta se deu às custas de uma depressão, consequência do desemprego e do trauma pela morte de seu pai. No entanto as notícias não pouparam elogios à forma física a despeito do distúrbio mental sofrido.

relação entre o estigma (GOFFMAN, 1988; VELHO, 1985) do peso na sociedade contemporânea e a mídia.

No que diz respeito ao princípio recursivo, que traz a ideia de que em uma relação processual sua(s) causa(s) e seu(s) efeito(s) são faces da mesma moeda, a relação se explicitou no nível da narrativa. Ou seja, a hipótese era a de que não era mera coincidência que as histórias fossem tão semelhantes aos arcos narrativos das personagens gordas na mídia e, ao testar o princípio recursivo, em todos os casos ele se fez valer:

[...] como a Laura, da novela Carrossel, também fui hostilizada por colegas e desiludida dos meus sonhos. Como Josy, do filme Nunca Fui Beijada, também me privei dos cuidados básicos da vaidade, dediquei-me intensamente aos estudos e até me encaminhei para o jornalismo, além de ter sofrido humilhações públicas no que diz respeito ao relacionamento com o sexo oposto. Como Monica Geller, também passei por um processo intenso de emagrecimento que me fez sentir acolhida por pessoas e ambientes que outrora nunca haviam me dado abertura. Por fim, assim como Guta Stresser, no momento em que me vi sob os holofotes, emagrecer parecia uma questão de ordem, e foi o que fiz, mesmos com a saúde deteriorada por conta dos medicamentos. Estar magra, e gata, era mais importante que tudo isso. Assim, se os media nos entregam a *gordofobia* porque somos *gordofóbicos* ou a *gordofobia* dos media nos faz ser *gordofóbicos* é um dilema ao do “ovo ou a galinha” que fica a partir do princípio recursivo (ARRUDA, 2019, p. 93-94).

Por fim, o princípio hologramático, que considera que a parte está no todo e o todo está na parte, tem-se a ideia primeira de que as experiências individuais estão associadas a um fenômeno que é coletivo e que esse fenômeno coletivo, por sua vez, se manifesta nos microuniversos individuais. Além disso, entende-se que a gordofobia está presente nos fenômenos de comunicação uma vez que ambas se dão nas relações de mídia primária (corpo) e mídia terciária (meios eletrônicos e de massa), a partir dos exemplos estudados. Em um terceiro momento, vê-se a comunicação presente na gordofobia, de forma que as manifestações do preconceito são também uma forma de criação, manutenção e fortalecimento de vínculo, no caso, pela hostilização, que designa espaços muito bem determinados às pessoas gordas em sociedade.

Assim, identifica-se um processo de retroação entre o estigma do peso do corpo feminino na sociedade contemporânea e a mídia, que trata a mulher gorda ora como alívio cômico, ora como estepe para o personagem principal, ora como personificação daquilo que é feio, repulsivo, patético ou errado, ora como a eterna romântica e solteirona. Posteriormente também foi identificada a representação do processo de transformação estética que inclui o emagrecimento que, magicamente, faz com que a personagem seja aceita pelo grupo que a rejeitava (ARRUDA; MIKLOS, 2020). São muitos os exemplos nos quais isso acontece e que se extrapolam em formatos, nacionalidade e argumento, considerando o próprio jornalismo, em especial o de entretenimento e celebridades, conforme demonstrado com o caso de Guta Stresser e que, na concretude da carne, devem ser responsabilizados por mortes como a de Dielly Santos, de 17

anos, que se matou por não aguentar a hostilização gordofóbica. “A estudante foi encontrada morta no banheiro. “Enforcamento”, apontam os laudos policiais. A família afirma que ela era vítima de bullying e *gordofobia*, e, constantemente, chamada de “lixo” e “porca imunda” pelas colegas, que gargalhavam após proferir tais ofensas” (OTTO, 2019).

A representatividade de Jenifer: o corpo gordo para além da gordofobia

Escrever sobre gordofobia sendo uma mulher gorda despertou muitos sentimentos de dor e de tristeza ao relembrar em detalhes as histórias que vivi e perceber o quanto esse preconceito está enraizado no seio social contemporâneo. No entanto, relembrar essas histórias com o olhar científico foi também compreender que essa dor e essa tristeza têm uma origem demonstrável e concreta, o que ajudou a (re)conhecer meu próprio corpo, me apropriar dele e a ressignificar nossa relação. E se eu ainda não tinha encontrado nos media uma representação positiva do corpo gordo feminino capaz de equilibrar as representações gordofóbicas, foi quando me deparei com a estatueta de pouco mais de 10 centímetros da Vênus de Willendorf, hoje em exibição no Museu de História Natural de Viena, na Áustria, que a “chave” mudou. Vendo aquela imagem tão similar a mim em um lugar de destaque, senti pela primeira vez o que nunca havia sentido: identificação. Tão pequena, porém tão significativa, em uma dimensão histórica na qual eu nem consigo conceber direito, quase 30 mil anos, a experiência foi transcendental e eu passei o restante do meu tempo antes do fim da pesquisa em busca de caminhos para a ressignificação do corpo gordo feminino também no contexto dos media; isso porque foi justamente essa experiência que me fez dar conta do porquê da força primitiva que a Vênus desperta tem sido irrompida individual e coletivamente.

E foi exatamente nesse contexto que eu conheci Jenifer, a personagem principal e que dá nome à música interpretada por Gabriel Diniz. Ela ganhou vida na interpretação de Mariana Xavier, uma mulher gorda. A canção se tornou o hit do verão brasileiro de 2018-2019. No YouTube, o vídeo tem atualmente mais de 340 milhões de visualizações¹¹. Nele e também na letra da canção, Jenifer é uma mulher que ganha o coração do cantor após ele se separar da então namorada. O mais interessante de tudo isso é que em nenhum momento, nem na letra música, como é possível observar a seguir, nem no vídeo, há qualquer menção à forma física que tem/teria Jenifer. Ela é apenas retratada como uma mulher sensual, divertida, alegre e disposta à parceria com Diniz. E isso é representatividade.

Mas ela veio me xingando, enchendo o saco e perguntando
 Quem é essa perua aí?
 Mas peraí! Mas peraí!
 Você não paga as minhas contas, já não é da sua conta o que eu tô fazendo aqui
 Mas mesmo assim vou te explicar

¹¹ Consulta realizada em 30 de outubro de 2021.

O nome dela é Jenifer
 Eu encontrei ela no Tinder
 Não é minha namorada
 Mas poderia ser
 O nome dela é Jenifer
 Eu encontrei ela no Tinder
 Mas ela faz umas paradas
 Que eu não faço com você

Mas ela veio me xingando, enchendo o saco e perguntando
 Quem é essa perua aí?
 Mas peraí! Mas peraí!
 Você não paga as minhas contas, já não é da sua conta o que eu tô fazendo aqui
 Mas mesmo assim vou te explicaaaaaar

O nome dela é Jenifer
 Eu encontrei ela no Tinder
 Não é minha namorada
 Mas poderia ser
 O nome dela é Jenifer
 Eu encontrei ela no Tinder
 Mas ela faz umas paradas
 Que eu não faço com você
 (DINIZ, 2018, online)

O fato de Mariana Xavier dar vida à Jenifer em um clipe que poderia ser protagonizado por qualquer outra mulher, uma vez que não há, nem na letra da música, nem no roteiro da produção audiovisual, qualquer tipo de menção ao tipo físico da personagem, tem justamente esse efeito em quem assiste: a mulher gorda também é uma mulher “qualquer” e suas características físicas não a impedem de ser protagonista em uma história de amor. A diferença está justamente aí, uma vez que a sensualidade, a beleza e a sexualidade da mulher gorda também são negadas no processo da gordofobia, sendo reservados a ela o papel do fetiche ou o do relacionamento às escondidas (ARRUDA, 2019; ARRUDA; MIKLOS, 2020).

Assim, no clipe, vemos, no início, o cantor Gabriel Diniz se desentendendo com uma mulher magra, interpretada por Aline Gotschalg, e em sequência se divertindo com Jenifer. Nas tomadas de vídeo, ela chega sorridente e sensual, cabelos ondulados e soltos, de batom vermelho, vestido preto com estampa florida de rosas, acinturado com um cinto de couro sobreposto. Ela dança, canta, ri, se diverte, troca olhares e depois carícias e beijos com o cantor ainda no cenário inicial da história, um bar onde Diniz está se apresentando.

FIGURA 1: A PRIMEIRA APARIÇÃO DE MARIANA XAVIER COMO JENIFER A MOSTRA COMO UMA MULHER CONFIANTE, SEGURA DE SI, MAQUIADA, CABELOS SOLTOS, COM SEU VESTIDO ESTAMPADO, DE ALÇAS, ACINTURADO.



Fonte: Diniz, 2018.

Passado esse momento, Jenifer e Diniz aparecem se divertindo naquilo que se parece com uma festa na firma. Eles estão em um ambiente de escritório, com roupas de trabalho, mas já em um clima de festa e relaxada. A blusa de Jenifer é uma regata, seus braços estão à mostra, e a estampa é *animal print* e com aplicações em renda, que evocam também essa sensualidade fatal.

FIGURA 2: COM SUA BLUSA DE ALÇAS FINAS E ESTAMPA *ANIMAL PRINT*; JENIFER SE DIVERTE E INTERAGE ATIVAMENTE COM COLEGAS NA FESTA.



Fonte: Diniz, 2018.

Assim, o que se vê na tela é uma mulher atraente e divertida, sem que isso esteja acentuado como um “apesar de ela ser gorda”. Se Jenifer poderia ser interpretada por qualquer mulher, como dito, ela de fato o é, e Mariana Xavier pontua isso muito bem. Ao ser tratada como uma pessoa como qualquer outra, a gordura da personagem é apenas uma característica física, tal qual seria se fosse uma mulher magra, uma mulher alta, uma mulher baixa ou uma mulher com quaisquer outras características e tipos físicos. Apesar de parecer banal, tal fato coloca a mulher gorda em um espaço que tradicionalmente foi negado a ela, o de protagonista da própria vida, bem como de digna de carinho, respeito e atenção amorosa. Um marco na discussão sobre representatividade.

Em um vídeo publicado na página Quebrando o Tabu, a própria atriz, que também mantém um canal no YouTube sobre aceitação corporal, comportamento e relacionamentos (XAVIER, 2021), pondera o quanto a representatividade causada pelo vídeo é importante.

[...] a Jenifer sou eu e por causa disso ela poderia perfeitamente ser você. Já pararam para pensar o quão emblemático é ter uma mulher gorda no papel da mulher mais famosa e mais falada do Brasil no momento? Principalmente no verão, que é uma estação tão opressora, tão excludente, para quem está fora do tal padrão de beleza? (QUEBRANDO O TABU, 2019).

Nesse vídeo do Quebrando o Tabu, que já tem mais de 5 milhões de visualizações¹², a atriz comenta sobre as mensagens que recebeu de mulheres que disseram se identificar e se sentir representadas pela atriz com um corpo próximo ao delas no clipe.

A letra não fala de um tipo físico específico. Podiam ter feito o óbvio e colocado uma atriz magra com cara de princesa da Disney, mas não! [...] Representatividade é isso. É botar corpos que normalmente são excluídos, marginalizados, em posição de destaque... E, principalmente, sem precisar grifar isso. (QUEBRANDO O TABU, 2019).

Nesse contexto, o diferencial do clipe está justamente no fato de que o peso da atriz não foi em nenhum momento mencionado. Não há o estigma compensatório da gorda sensual, nem o clássico e também falado “gosto de você desse jeitinho mesmo”, fazendo uma alusão a uma possível concessão feita pelo sexo oposto ao peso que, ele sabe, está aquém do desejado (ARRUDA, 2019). O que fica, finalmente, é a percepção de que as pessoas gordas podem ser felizes, da forma que quiserem. Melhor, elas podem simplesmente ser.

¹² Dados coletados em 10 de abril de 2020.

Considerações finais

Gordofobia é o preconceito praticado especialmente contra mulheres gordas e que tem íntima relação com os meios hegemônicos de comunicação. Suas consequências são devastadoras e podem levar até a morte, porém pouco se fala sobre o assunto, existindo inclusive uma negação da existência dessa forma de preconceito. Comumente associada à pressão estética, a gordofobia, no entanto, é um preconceito que, institucionalizado segrega as pessoas gordas de uma série de espaços. Há um processo de apagamento do corpo gordo em uma esfera não apenas simbólica, mas também concreta. Às mulheres, esse apagamento, raiz e consequência do preconceito, é muito mais intenso. Com o aval da mídia, as representações da mulher gorda, quando não inexistentes, estão associadas a características negativas. Nunca protagonista, para uma mulher gorda ser aceita, no entanto, a ela são atribuídas características compensatórias, que invariavelmente passa pelo humor (ARRUDA, 2019). Neste artigo são demonstradas algumas das formas de ação dessa relação entre mídia e gordofobia, propondo que a desconstrução da mesma passe justamente pela representatividade dos corpos gordos em suas mais diversas formas e abordagens. Uma possibilidade foi despontada a partir do clipe de Jenifer, música interpretada por Gabriel Diniz e que contou com a participação da atriz Mariana Xavier, uma mulher gorda, dando vida à personagem principal. A música, hit do verão brasileiro de 2018-2019, fala de uma mulher interessante, divertida e sensual, papéis historicamente negados às gordas e que passaram, após o contato com o clipe, a se ver de outra forma a partir da atuação de Mariana Xavier.

Referências

- ABL, Academia Brasileira de Letras. Palavra da Semana: Gordofobia. In **Facebook**. 15 fev. 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3mIcxrM>. Acesso em 13 abr. 2021.
- AIRES, Aliana Barbosa. **De gorda à plus size: a produção biopolítica do corpo nas culturas do consumo - entre Brasil e EUA**. 2019. 2019. [230 f.]. Tese (Programa de Doutorado em Comunicação e Práticas de Consumo) - Escola Superior de Propaganda e Marketing, [São Paulo].
- ARRUDA, Agnes de Sousa. **O peso e a mídia: uma autoetnografia da gordofobia sob o olhar da complexidade**. Tese (Doutorado em Comunicação). Universidade Paulista – UNIP. São Paulo, 2019.
- ARRUDA, Agnes de Sousa; MIKLOS, Jorge. O PESO E A MÍDIA: Estereótipos da Gordofobia. In **Revista Líbero**. Ano XXIII - N.º 46. Jul./Dez. 2020.
- BAITELLO Jr. Norval. Comunicação, Mídia e Cultura. In **São Paulo em Perspectiva**. V. 12, nº 04, Comunicação e Informação, Out-Dez. 1998. Disponível em <https://cutt.ly/NvdXHWG>. Acesso em 8 jun. 2015.
- BALBINO, Jéssica. Quando eu emagrecer, vou ser feliz. In **Peita**. 28 jul. 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3pEg3XO>. Acesso em 27 out. 2021.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1988.
- CABRAL, Muniz Sodré de Araújo. **Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- DINIZ, Gabriel. **O nome dela é Jenifer**. 21 set. 2018. Disponível em: <https://cutt.ly/vvdQDbe>. Acesso em 10 abr. 2020.
- ELLIS, Carolyn; ADAMS, Tony E.; BOCHNER, Arthur P. Autoethnography: An Overview. In **Forum Qualitative Sozialforschung / Forum: Qualitative Social Research**, Vol 12, Nº 1 (2011). Disponível em <https://cutt.ly/rvdQJjX>. Acesso em 19 out. 2018.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. São Paulo: LTC, 1988.
- GREER, Germaine. **A mulher total**. Lisboa: Editorial Notícias, 1999.
- LAUS, Maria Fernanda. **Influência do padrão de beleza veiculado pela mídia na satisfação corporal e escolha alimentar de adultos**. Tese (Doutorado em Psicobiologia) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2013.

MESTRE, Natália. A sibutramina, remédio pra emagrecer, matou minha irmã, diz publicitária. In **Glamour**. 1 mar. 2016. Disponível em: <https://glo.bo/3aQpyYJ>. Acesso em 22 mar. 2017.

MORIN, Edgar. **Cultura de Massas no século XX**: Neurose. 9. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2005.

SANCHES, Rodrigo Daniel. **Corpus Alienum**: efeitos do discurso das novas dietas, corpo-projeto e mídia. 2018. Tese (Doutorado em Psicologia: Processos Culturais e Subjetivação) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2018.

NICOLOSI, Regina. **Naturalidade sem natureza: a construção da mulher como simulacro na revista Plástica & Beleza**. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Universidade Paulista – UNIP. São Paulo, 2018.

O DIA. **Mais de 60% dos jovens brasileiros dizem estar insatisfeitos com o corpo**. 17 jun. 2012. Disponível em <https://cutt.ly/wvdCt2n>. Acesso em 22 mar. 2017.

QUEBRANDO o tabu. **O nome dela é Jenifer**. 30 jan. 2018. Disponível em <https://bit.ly/2Q5Kk2j>. Acesso em 29 abr. 2019.

VELHO, Gilberto (organizador). **Desvio e divergência**: uma crítica à patologia social. 5. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

VOMERO, Maria Fernanda. **Por que uma pessoa se mata?** 31 dez. 2002. Disponível em <https://bit.ly/32jCaFW>. Acesso em 20 mar. 2017.

XAVIER, Mariana. **Canal no YouTube**. <https://cutt.ly/PvdAHbn>. Acesso em 15 abr. 2021.

WHO, World Health Organization. **Physical status**: the use and interpretation of anthropometry. Geneva: Switzerland, 1995. Disponível em: <https://bit.ly/2FahUyf>. Acesso em 25 fev. 2021.

WOLF, N. **O mito da beleza**: como imagens de beleza são usadas contra as mulheres. 10. Ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

ZANIN, Tatiana. **Entenda o que é anorexia alcoólica**. Disponível em <https://bit.ly/3sl2Uke>. Acesso em 22 mar. 2017.

Agradecimentos

Revisora do texto: Prof.^a Dr.^a Mara Rovida. Contato: 11 99666-3359